

Enfrentamento dos desafios do ensino remoto: vozes de jovens e educadores

*Aline de Moura Mattos
Marcella Luana da Silva Lima
Tatiane Cunha de Souza Tenório*



A janela de diálogo contou com a participação da professora Adriana Frutuoso, da Escola Estadual Professor Antônio Fagundes – Natal/RN, Lauanda Pedrita, presidente da Associação dos Estudantes Secundaristas do RN – APES/RN, e o professor Robson Potier da Escola Estadual Hilton Gurgel de Castro – São José de Mipibu-RN. Contávamos ainda com Evelyn de Souza, mestranda em Educação – PPGEdu/UNIRIO, que por falhas de conexão com a internet foi impedida de participar da janela.

A professora Adriana apresentou um relato de suas experiências ao comentar sobre estratégias adotadas pela escola em que atua para se adaptar às novas exigências deste momento de pandemia, que impediu a continuação das aulas presenciais. Destacamos algumas dessas estratégias por ela apresentadas: 1) o uso do WhatsApp para manter contato com estudantes e também com familiares dos estudantes; 2) entrega de livros didáticos e atividades impressas, 3) entrega de Kits de alimentação às famílias dos estudantes em vulnerabilidade (tais kits foram providenciados por uma ação coletiva da comunidade escolar). Adriana ressaltou que a vulnerabilidade social se acentuou com a pandemia e que os professores tiveram que reorganizar seus planejamentos, adequar a infraestrutura de suas residências para aulas remotas e que estão trabalhando para encontrar e criar alternativas para enfrentar este momento. Comentou ainda sobre a importância em estimular os estudantes a terem uma rotina de estudo e a terem uma autonomia para aprender, pois não estão acostumados a estudar em casa e acabam sobrecarregados com as atividades da escola e as tarefas domésticas ou com o

trabalho. Encerrou afirmando que este cenário que estamos vivendo é um importante momento para refletirmos sobre o fazer pedagógico e ações coletivas de aprendizagens.

Lauanda defendeu a importância da educação pública e disse que essa é uma pauta para todos que se preocupam e acreditam na educação. Expôs sobre a falta de acesso às tecnologias que muitos jovens têm enfrentado, somado a uma vida difícil de conciliação entre estudo e trabalho, além de ambientes domésticos inadequados aos estudos; destacou que os professores estão enfrentando desafios similares aos dos estudantes. Também demonstrou preocupação acerca de as discussões das aulas remotas não levarem em conta os estudantes, pois eles precisam se sentir pertencentes a esse debate, como também destacou a evasão escolar, onde muitos alunos não estão na escola, porque têm que trabalhar e não conseguem conciliar o estudo e o trabalho.

Ela comentou acerca de algumas saídas para superar as dificuldades de acesso à tecnologia, como a flexibilização de chips para os estudantes (um projeto de lei ainda em tramitação) e a possibilidade de aulas serem transmitidas via televisão. Comentou sobre a necessidade em priorizar os estudantes do 3o ano do Ensino Médio para o acesso às tecnologias e apontou o ENEM como uma grande preocupação de muitos jovens. Ela defendeu que busquemos saídas e adaptações para este momento, mas não de forma acrítica; afirmou ser importante pensarmos em políticas públicas para enfrentarmos os graves problemas da educação. Em decorrência de tantos desafios e enfrentamentos, Lauanda também comenta sobre a preocupação com a evasão escolar. Uma de suas falas ressalta

a importância do estímulo para que os jovens continuem a estudar: “Que eles [os estudantes] carreguem em suas mochilas não somente caneta, não somente papel, mas cada sonho que levaram pra casa no último dia de aula presencial; que eles continuem voltando e acreditando na perspectiva de que a universidade pública vai garantir que eles se formem e alcancem cada vez mais o mercado de trabalho..”

Na sequência de falas, o professor Robson Potier se propôs realizar reflexões e autocríticas. Começou relatando sobre a experiência da escola em que atua, escola de tempo integral. Sobre o início da suspensão das aulas presenciais, Robson comentou que houve grande euforia e engajamento por parte dos estudantes, pois estavam ávidos pela continuidade do ano letivo. A gestão da escola, com muitos desafios, conseguiu formar grupos de WhatsApp com cada turma a fim de manter contato e propor aulas e atividades. Já nas primeiras semanas, Robson comentou que cerca de 40% dos estudantes se engajaram, entendendo por engajamento a participação nas aulas, execução e devolutiva das atividades. Porém, com o passar do tempo, o engajamento foi diminuindo. Alguns estudantes disseram que não estavam mais conseguindo acompanhar, que não estavam gostando da experiência e que não viam sentido em continuar a estudar já que não estavam sendo avaliados, já que as atividades não envolviam pontuação e nota.

Assim, iniciou-se um trabalho de investigação dos professores: “O que fizemos ou não fizemos para que a euforia fosse minguando? Por que houve diminuição no engajamento?”. Grande parte das reuniões de professores girava em torno da noção “precisamos nos rein-

ventar”. Em conjunto, os professores decidiram realizar enquetes a fim de que os estudantes escolhessem temas de interesse a serem abordados nas aulas. Depois dessas alterações, percebeu-se um aumento no engajamento por parte dos estudantes. A fala de Robson nos convocou a refletir não apenas sobre o êxito ou não das aulas remotas, mas sobre a revisão de velhos hábitos para que possamos renovar a escola. Ele destacou dois aspectos: a cultura de que a casa/moradia não foi historicamente construída como um local de estudo e a tradição de que “só vale se for para nota”. Por fim, Robson apontou que passamos por um momento com grandes oportunidades para revisarmos, investigarmos e nos reinventarmos.

Dessa forma, a interlocução com os participantes versou sobre desafios para o ENEM, avaliação das estratégias adotadas até agora pelas escolas, falhas estruturais que impedem o retorno às aulas presenciais, estímulo e apoio (inclusive psicológico) aos estudantes para que continuem a estudar e a necessidade de reestruturar os estágios supervisionados nesse período. Em relação aos estágios, Robson afirmou que o trabalho com os estágios supervisionados, por tudo que representa em termos de aprendizados e contribuições, seria muito bem-vindo, mas teria que ser repensado para este momento de pandemia. Na realidade atual, como não há a observação da realidade escolar e o campo do estágio físico (a escola), o trabalho demandaria uma maior interação entre o professor orientador, o professor supervisor e o estagiário, para que as práticas todas se dessem em colaboração entre os sujeitos.

Além disso, Robson destacou que não existem culpados, existem pessoas vendo como

se faz e buscando aprender com isso. Por isso, deve-se adotar uma postura de professor pesquisador, em que essas situações geram oportunidades para observar, refletir, criticar, registrar, modificar e aprender.

A partir desse diálogo, constatamos que são grandes os desafios para a promoção do ensino-aprendizagem de jovens e adolescentes da rede pública, no contexto remoto. Nesse sentido, a desigualdade social torna-se evidente, as pessoas que vivem à margem são alocadas cada vez mais distantes de uma educação pública de qualidade, de um processo de ensino-aprendizagem significativo. Para transformar tal realidade, é necessário o empenho dos governantes responsáveis por cada setor, numa busca por diminuir a distância instituída entre o aluno, sua realidade social e as aulas/atividades no contexto remoto.